

NOTAS DA QUINZENA

● A carta chegou, há dias. Guardei-a, à espera de melhor oportunidade para responder. O carteiro vem, todas as manhãs, com seu molho de cartas. Desta vez, fui encontrar naquela o tema destas notas. Porque se trata de um grande empresário, o que não é muito frequente, tive que recorrer a outra fonte, mais segura, para a resposta certa. E encontrei-a, ontem, junto do Altar do Sacrifício, à mesa da Palavra. A carta diz assim: «Tenho uma empresa transformadora, com delegações que, creio, se situam perto das vossas Casas... Leio toda a imprensa nacional e alguma internacional, semanalmente, mas O GAIATO é especial, é diferente, fala-nos das grandes realidades da vida... Eu gostaria de vos ajudar com ofertas regulares dos nossos produtos às vossas Casas. Por favor estudem o que mais necessitam... Quero ajudar a Obra, quero estar convosco. Que Deus vos ajude. Um abraço amigo.»

Ficamos felizes quando os empresários pagam o salário justo aos trabalhadores. Se O

GAIATO, com a sua mensagem viva, levar esta preocupação aos homens de dinheiro, cumpre e já não pede mais. O resto vem por acréscimo. Assim acontece quando o coração não se deixa metalizar. E a inquietação semeada nos corações de carne leva os homens para além das suas empresas.

Bom Amigo, não o conhecemos. Esperamos a sua visita anunciada. Deixe-me, entretanto, dar a resposta adequada à sua carta:

«Quando saía, para Se pôr a caminho, aproximou-se d'Ele um homem a correr e, ajoelhando-se, perguntou-Lhe: «Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a Vida eterna?...»

Foi um encontro parecido com o seu. Era um homem com muitos bens. Sentia uma grande inquietação, perante as realidades da vida presente, mas não foi capaz de dar o passo que o Senhor lhe pediu para encontrar a paz. Por isso, foi-se embora, triste. Você, porém, está sensível. O seu coração está disposto a acolher o te-

Cont. na 2.ª página

Calvário

◆ No meio da encosta de latadas e pomares, a casinha modesta da sr.ª Maria. É mãe de 11 filhos, dos quais 9 já casados e com ranchos de filhos cheios de vida e alegria.

Mãe abençoada e avó querida, já acamada por doença e velhice. Todos os dias, filhos e netos lhe rodeiam a cama numa expressão viva de intimidade e carinho. A velha mãe sorri sempre, enlevada e feliz!

Nunca, nesta família, se pôs o problema da vinda, sustento e educação dos filhos; de limitações conducentes, quase sempre, ao egoísmo dos filhos porque frutos do egoísmo dos pais. Nem o problema: «Quem vai tratar da mãe?» Todos querem. Um dos filhos fez uma casa provisória perto dela para estar junto e a poder servir. [Maravilha!]

E foi sempre uma família pobre a pagar um «conto e tab» de renda pela casa e terreno. Somente o trabalho quotidiano e o esforço comum na harmonia simples daquele lar.

Mundo louco por caminhos de comodidade que só geram desamor; ambições de ter coisas e de ser alguém mas, tan-



Aqui, no Calvário, «a nossa riqueza é aquilo que os outros desprezam».

tas vezes, sementes de frustrações; o querer ser feliz, mas por vias que não conduzem à felicidade.

Um homem riquíssimo disse, há tempos, a um amigo meu: «Dava toda a minha riqueza

por uma hora de paz no meu lar...».

Não queremos ver... Continuamos, sim, a procurar a felicidade longe dos caminhos de Deus e fora dos valores eternos.

A própria sociedade nos induz a ter como verdadeiros e valiosos — valores falsos e inúteis.

Queremos agarrar o sol com as mãos, esquecidos, porém, de que só o nosso coração é capaz de o conter e guardar como nosso e único.

Era manhã. O sol batia em cheio na humilde casinha branca! Abertas de «par em par», as pequenas janelas. Dentro, a mãe-avó — grande mulher! — e três netos brincando no tapete caseiro de lã de ovelha. Ela acordou, como aragem, do sono leve. A filha acariciou-lhe o rosto num gesto de ternura.

◆ Nesta hora em que te escrevo repousa o nosso «Cunhinho» no seu caixão e dentro da Capela do Espigueiro — junto do Senhor. Passou como brisa em tarde de estio.

Deficiente profundo, foi dei-

verdadeiro metal precioso? Parece-me que o Padre Américo teve um sistema de aceitar para fundir — não vender — objectos em prata ou ouro. Se pensar fazer algo semelhante, diga-me».

De facto, as palavras atrás referidas correspondem à realidade e aproveitamos o ensejo para as tornar nossas, citando, de novo, Pai Américo: «No conceito dos valores terrenos vai o ouro na vanguarda. É o melhor que há. Para Deus, o melhor. Não te escandalizes. O Filho do Homem não disse mal do ouro, mas sim do uso que dele se faz. Oferece-se um presente de ouro a quem se estima. Pois que muito, oferecer um cálice de ouro para o serviço de Deus?! Tudo é d'Ele!

Cont. na 4.ª página

AQUI, LISBOA!

«Dentro dos muros da nossa quinta, a Capela da Aldeia dos gaiatos será a escola normal onde o «cisco» das ruas vai encontrar o seu valor e a dignidade dos verdadeiros adoradores de Deus.» (Pai Américo)

É altura de nos mobilizarmos todos. A Capela é o centro das nossas preocupações e como temos pressa em erguê-la, por serem morosas as obras, torna-se um processo desgastante. Vale-nos a consolação do interesse posto pelos nossos Amigos, desde o Arquitecto ao Engenheiro que estão na

sua génese, passando pelos responsáveis pela sua concretização e pelas presenças materiais já remetidas pelos nossos leitores.

Gostaríamos que todos participassem, conforme as suas possibilidades. A Capela é de todos, mesmo daqueles que, porventura, não concordam com a sua construção e que, aliás, merecem todo o nosso respeito. De resto, já Pai Américo, a propósito da Capela de Paço de Sousa, escreveu: «Ele há muita gente que discorda da Capela. Já mo disseram na cara... Eu cá penso de outra maneira e ando para a frente.

Foge dos homens de um só livro, quando esse livro é o Evangelho!» Adiante, pois.

Naturalmente, vamos precisar dos apetrechos indispensáveis para a realização das cerimónias, desde os paramentos ao linho do altar, passando pelo cálice e pelos vasos ou instrumentos sagrados: uma custódia, uma píxide, uma banqueta, um turbilho com naveta e as necessárias galhetas.

De senhora amiga, já recebemos uma toalha de linho, de grande valor estimativo, acrescentando: «Como pensa obter os vasos sagrados para a Capela? Pensa ter algum com

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

ESCOLA — Começaram as aulas. Sete dos nossos pequeninos vão pela primeira vez à Escola. Deixam a brincadeira para pegar nos livros... Os que estudam fora, largam o trabalho mais cedo para se arranjarem e irem às aulas. Terão de se esforçar mais e dedicar quase o tempo todo ao estudo. O êxito do futuro depende do aproveitamento do presente.

OBRAS — A nossa Capela anda para a frente! Já se nota um nadinha da sua estrutura.

NOVOS GAIATOS — Temos recebido novos gaiatos e, como é natural, alguns dos mais velhos seguiram outros rumos.

DESPORTO — No dia 17 de Setembro realizámos o primeiro jogo após as férias, apresentação da nossa equipa de seniores de 88/89. O primeiro encontro foi de baixo nível técnico a revelar, da nossa parte, a inexperiência de alguns jogadores. Sofremos uma derrota de 2-5. Tere-mos de trabalhar muito para conseguir bons resultados...

Os juniores também se estrearam, num jogo mais rápido e aberto, obtendo uma grande vitória: 8-3.

Aproveitamos para convidar os jovens leitores para nos visitarem.

PEDIDO — Agradecemos o trabalho voluntário das pessoas que nos têm ajudado com explicações... Temos alunos desde a primeira classe ao Complementar. Em qualquer área, há sempre quem precise. Bem hajam.

Hélio dos Santos Alves Soeiro

Paço de Sousa

VINDIMAS — Acabaram as nossas vindimas. Este ano, a colheita foi mais rápida devido à escassez de uva; mesmo assim, feita em bom ritmo e com muita alegria.

OUTONO — As folhas começam a cair. Para o «grupo da lenha» é um período de intenso trabalho. Têm que apanhar montes de folhas! No Outono, apesar do seu colorido riquíssimo, a nossa Aldeia fica mais triste. São algumas aves que se vão embora, os árvores despem-se, as constipações aparecem e os pés arrefecem!

VISITANTES — Mesmo sem sol, os visitantes procuram-nos. Não esquecem a nossa Obra! Recebemo-los com muita alegria, na nossa Aldeia. Gostamos muito das suas visitas! «Nós somos a Porta Aberta.»

DESPORTO — Após um período de pausa no sector desportivo, tomou posse a nova Direcção.

Estamos disponíveis para a realização de jogos amigáveis; e, também, para recebermos generosas ofer-

tas de qualquer material desportivo. Antecipadamente, o nosso muito obrigado.

Lourenço

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A fábrica de vigas pré-esforçadas entregou o material para a laje do tecto da moradia que receberá gerações de famílias pobres sem abrigo, com a respectiva guia de transporte omissa de valores. Será ao preço da chuva?!

O prédio, já referimos, fora entregue à Mãe Igreja, há muitos anos, para famílias sem poiso. Cumpriu o voto da doadora, precariamente. Assim, para não se ferir mais a dignidade dos locatários, vamos remodelar a habitação: ficará com dois quartos, cozinha-sala e quarto de banho. Quando esboçámos o risco, tentámos aumentar a área coberta, mas não foi possível. *Ralhámos* à consorte: — O nosso corpo, por fim, não será depositado em muito menos terreno...?! Espantada, a pobre velhinha arregala os olhos, baixa a cabeça, respeitosamente, e cala-se. Desanda. Não incomoda mais!

Entretanto, batemos à porta dum camionista, cujo veículo é o seu ganha-pão. Que sim. — Preço do transporte? Um leve sorriso, de generosidade, acompanha a resposta: «Depois se verá...» Segue marcha e, curiosamente, o material vem a ser descarregado pelos próprios familiares! — que não moram longe da obra. Depois, insistimos... O camionista afirma que «não é nada! Temos gosto de oferecer o trabalho às Pobres da nossa freguesia».

Mãos dadas! Como quem lança semente à terra... Pena é o pedreiro não poder avançar, já! Em suma: A renovação do prédio será fruto dum cadeia de devotos do Mandamento Novo.

PARTILHA — O proveitoso óbulo da Rua dos Bombeiros Portugueses, Faro. Serviu, como os Soldados da Paz, para acudir a SOS.

«Uma portuense qualquer» é presença assídua. Aqui está: «Num mini-papel vai também esta pequenina mensagem que consiste em dar graças ao Senhor pela acção junto dos Pobres e agradecer-Lhe por me ter posto no coração o desejo e satisfação de enviar, mensalmente, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Esta é a migalhinha (3.000\$00) relativa a Setembro. Glória ao Senhor por tudo.»

Santa Cruz do Douro: O costume para uma família que luta desesperadamente para concluir a sua casa. Assinante 25219: «É uma senhora de quase noventa anos. Perdeu, recentemente, uma filha que era o seu único amparo e pede que sirva de intermediário. Alíis, continuo a ser o pobre intermediário que já conheço.»

Assinante 3119, 1.500\$00 «lembrando a alma do marido e cunhado». Outro sufrágio, do Porto, pela mão da assinante 26578, e mil escudos

«que entregarão à Pobre que muito bem entenderem». 4.100\$00, da assinante 49645, «excedente que aplicação no auxílio a alguém necessitado (são tantas as pessoas, não é verdade?)» Certo!

Assinante 9790, de Oliveira do Douro, com mensagem oportuna: «Junto uma pequenina ajuda (3.000\$). Que o Senhor nos revista dum grande espírito de humildade e assim possamos ser servos fiéis, verdadeiros

amigos de todos os nossos Irmãos». Dois contos do assinante 18913. Vin-te, da assinante 36082, do Porto. Três, do assinante 27527, de Viseu, «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus minorar as carências dum família com graves problemas de subsistência e habitação. Embora não seja rico — acrescenta — Deus tem-me proporcionado uma existência mediana e uma grande vontade de auxiliar os Pobres. Dar àqueles que

mais precisam é, para mim, uma felicidade e o melhor investimento de capital». Mais uma boa maquia da assinante 113, Rua Eugénio de Castro (Porto), cujos votos endereçamos ao Senhor, nosso Deus. Curioso: «Não posso mandar o que desejaria. Tenho filhos, netos e bisnetos». Uma família cristã!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

Para esclarecimento dos interessados, achámos conveniente citar as partes mais importantes da acta n.º 1, de 10 de Junho, sobre a aprovação dos Estatutos e eleição dos corpos sociais da **Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos, C. R. L.**

Na reunião esteve presente o Padre Manuel António, em representação da Obra da Rua; e delegados das Associações de Antigos Gaiatos do Centro e Sul.

Após o presidente da assembleia — que historiou as origens da Cooperativa — interveio o Padre Manuel António «que reforçou o empenho da Obra da Rua na solução do problema habitacional dos novos e antigos gaiatos. Referiu as diligências empreendidas, as iniciativas já concretizadas, os contactos realizados e exprimiu a firme convicção de que a Cooperativa pode — e

deve — ser o meio mais eficaz da solução do candente problema que se coloca aos nossos jovens que pretendem um início de vida em habitação condigna, realçando o empenho das entidades oficiais que superintendem naquela área tão sensível, por demais já demonstrado aos responsáveis da Obra da Rua e à comissão que para o efeito se formou no seio da Associação dos Antigos Gaiatos do Norte, por parte do Instituto Nacional de Habita-

ção, aos diversos níveis daquele organismo oficial».

Depois, procedeu-se à eleição dos corpos gerentes da Cooperativa para 1988/89, cujo elenco ficou assim constituído: **Assembleia Geral:** Presidente, Manuel dos Santos Machado (Coimbra); vice-presidente, José Barros Ferreira (Porto); secretário, Joaquim Ferreira Mendes (Porto); suplente, José Martins de Carvalho (Coimbra). **Direcção:** Presidente, Carlos Rebelo Gonçalves (Porto); vice-presidente, José Eduardo Gonçalves Moreira Lopes (Porto); secretário, Fernando Marques (Porto); tesoureiro, Delfim Ferreira (Porto); vogal, Joaquim Pereira Gomes (Paço de Sousa). **Suplentes:** João Rodrigues Hingá (Coimbra); Luís António Moraes (Paço de Sousa), José Flausino Moreira (Setúbal), Francisco Vicente de Freitas Ferreira Félix (Porto). **Conselho Fiscal:** Presidente, António Roque Crisanto (Setúbal); secretário, Manuel Pinto (Porto); vogal, Joaquim Manuel Santana da Silva (Paço de Sousa); suplente, Carlos Manuel Tadea Mendes (Paço de Sousa).

«Antes de encerrada a sessão, os representantes do Centro e de Setúbal realçaram a forma como decorreram os trabalhos da assembleia e afirmaram o seu empenho na transmissão de quanto se passou aos seus representados e a sua convicção de que aqueles não deixariam de aderir com entusiasmo a iniciativa tão oportuna, tanto mais que acções similares de há muito se vinham inculcando no espírito de muitos, mas não encontravam campo propício à sua realização — e agora se torna possível.»

■ Esperamos concluir o processo de legalização da Cooperativa durante o corrente mês de Outubro.

Se estiveres interessado, contacta-nos.

Notas da Quinzena

Cont. da 1.ª página

souro que vale mais que todo o dinheiro do mundo, sem ter medo de perder nada de seu. Bem haja!

■ Se visses a cena que, ontem à noite, meus olhos presenciaram, deixarias tudo e responderias à chamada que vai tocando no teu íntimo. É o mesmo Senhor que fita em ti o olhar e por ti sente afeição.

Quantas vezes o Ilídio e os mais pequeninos têm saltado para esta coluna!? Ontem, vi-os a acariciar o rosto pacífico e maternal da Mulher que veio fazer sua experiência junto deles. O equilíbrio perdido, desde o momento em que viram a luz do dia, vai sendo recuperado, pouco a pouco, com muita paciência e dedicação.

«... Falta-te, apenas, uma coisa: Vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos Pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-Me.»

É Ele. Sempre Ele a chamar!

BEM HAJA

A **Lorilleux International** partilha connosco, há trinta e oito anos, metade da quantidade de tintas de impressão consumidas n'O GAIATO, obras de livro e noutras que servem de suporte à formação profissional dos nossos rapazes. Preciosa dádiva!

Tempos houve em que a introdução de novos critérios de fiscalidade bloqueariam a oferta. Mas foram ultrapassados, respeitando a Lei.

Em suma: A **Lorilleux** respeitou, sempre, a nossa maneira de ser e de agir, com delicadeza, perseverança, discreção. Por isso, estamos à vontade para expressar o nosso bem haja. E Deus lhe pague.

Júlio Mendes

Padre Manuel António

Carlos Gonçalves

DOCTRINA



A nota mundana causa tédio a quem sofre a sorte do Pobre

● Abro com um pedido chorado que leva dentro de si a forma de quem mo fez: «Roupa de cama tenho, mas ando sem camisa há muito tempo». É uma viúva que fala assim.

● Já temos mais um gaiato encostado a boa sombra, com uma refeição diária — oito ao todo. Resultado? O primeiro mês de uma criança, em casa de certa família, deu-lhe quatro quilos de peso!

● O peditório das Colónias (de Férias) caminha em maré de pouca sorte. Na igreja de Santa Cruz, quatrocentos e trinta e nove escudos (o ano passado seiscentos e vinte e sete escudos e uma pulseira de ouro). Na saca preta que passa nas bancadas, suspensa das minhas mãos, vêem-se, aqui e além, unhas faiscentes de rubro a arriscar meio tostãozinho; e outras unhas mais arrojadas, sempre faiscentes de rubro, dobram a parada e deixam cair o tostão! Nem admira. A presença deste rubro falso, nas unhas e na cara, marca logicamente a ausência daquele outro rubro verdadeiro, sinal flagrante dos discípulos de Jesus que trazem no coração a tortura dos que sofrem, seus irmãos. Passam muitos trabalhos, gastam muito dinheiro, levam muito má vida, inutilmente, estas senhoras inúteis. E nunca podem fazer seu o preceito instantâneo do Apóstolo — «conquistar a Vida Eterna» — visto como o que se pretende é conquistar o mundo, onde nada mais existe do que soberba e vaidade.

● Apóstolos da Verdade, pregoeiros do Evangelho, não podemos usar meias-tintas nos quadros da vida; e temos obrigação de chamar às coisas o nome que elas têm.

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.)

SETÚBAL

O caso partilhado numa reunião do Conselho Particular dos Vicentinos da Cidade dissipou, um pouco, a nuvem tenebrosa que me envolve e iluminou-me o coração com um ténue mas esperançoso raio de Luz.

Quem sabe? — Talvez encontremos aqui um caminho!...

Os Vicentinos não têm feriados, nem baixas, nem folgas, nem férias, nem dispensas, nem pontes, nem sábados, nem domingos. São homens e mulheres de acção. Servem os Pobres os 365 dias do ano. Marcados pela paixão dos Pobres. Sofredores das suas situações. Aflitos do seu futuro. Cireneus do «Homem das Dores» no Calvário da presente civilização.

Toparam um menino, com quase dois anos, abandonado pelos pais, entregue a uma avó que o deixa o dia inteiro sozinho, fechado num quarto, banhado pelas fezes e urina em ambiente infra-animal.

A avó tem de trabalhar e não dá o neto a ninguém.

Nos primeiros dois anos de vida — «a idade matriz», como dizem os técnicos — a criança é inibida de todo o desenvolvimento social, afectivo e intelectual.

Para além dos maus hábitos que, entranhando-se na natureza, a atrofiaram, a criança é defraudada de tudo o que por direito natural e positivo lhe devia ser franqueado, por justiça: Pais, família, carinho, ternura, convivência, higiene, alimentação, segurança, etc...

Assim, amanhã, será um inibido, um revoltado, um marginal, um criminoso, um cadastrado de múltiplos processos penais, um peso social e económico para toda a comunidade humana.

As ciências biológicas e sociológicas, a psicologia e a antropologia sabem tudo isto e

demonstram-no quase matematicamente.

Esta civilização, detentora de conhecimentos e potencialidades que não têm comparação com os de outras que lhe ficaram para trás, comete um crime de omissão que jamais alguém avaliou ou qualificou.

O mundo tem capacidade para denunciar e lamentar — é ver reportagens, artigos, comentários, etc. — mas só os cristãos a possuem para a imputar a si próprios.

Estes pecados levam ao Inferno: «Eu era abandonado e tu não te importaste!... Afasta-te de Mim».

A Conferência Vicentina reagiu imediatamente, contratando um infantiário para onde levar o menino e prontificando-se a pagar integralmente as mensalidades e viagens para que à criança fosse, rapidamente, prestada a assistência durante o dia.

Mas... não avançou... É urgente ir além!...

O infantiário já é muito, comparado ao nada; mas é pouco relativamente ao tudo de que carece. Propicia à criança uma relação humana e talvez afectiva que lhe era negada nas longas horas de solidão.

É preciso vencer as barreiras jurídicas e sociológicas e dar ao menino o que a sua natureza exige: Uma família equilibrada.

Parece-me que a Sociedade de S. Vicente de Paulo poderia ser o suporte e a garantia de um serviço, apoiado por outros cristãos — que se poderiam candidatar a vicentinos — qualificados científica e profissionalmente como um psicólogo, um médico, um biólogo, um sociólogo, um antropólogo e um jurista que acudiria tecnicamente a um caso detectado de crianças abandonadas, vadias, pedintes, marginais.

Não argumentes que os serviços oficiais já fazem isso! Não é verdade. Se o fosse, es-

tas arripiantes tragédias não apareceriam. Além de que para um funcionário tudo é trabalho. Há dias e horas de descanso. É normal que tudo corra, como se batesse à máquina o mais trivial documento, se projectasse a mais apaixonada obra ou se conversasse o mais interessante negócio a que se é alheio apesar de dedicado.

Uma equipa destas a funcionar com a disponibilidade de um banco de urgências hospitalares, atendendo os casos que os vicentinos fossem detectando e arrumando-os de forma jurídica e humanamente correcta, baniria, na nascente, um número infinito de tragédias humanas.

Seria ela (a equipa) que elaboraria os relatórios, urdiria os argumentos, «forçaria» a justiça os magistrados e colocaria em famílias capazes as vítimas inocentes. Não temeria a concorrência de outros, antes se alegraria de fazer o bem, bem feito.

Não me venhas dizer que os tribunais de família virão suprir esta lacuna. Os tribunais são tribunais e a missão é missão.

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

■ Em pouco tempo o Senhor levou para Si quatro sacerdotes do nosso centro e que deixaram rastros de luz no meio de nós.

P.e Raúl Mira — Foi companheiro de Pai Américo no Seminário. Dois famintos que se encontraram: um com 17 e outro com 37 anos. Ambos famintos de Deus e que se ajudaram a melhor O conhecer e amar. P.e Raúl Mira amou o Senhor, no serviço aos irmãos, como pároco, como professor, como missionário. Amou-O até ao fim.

O seu amor pelos «nossos gaiatos» revelou-se sempre nos seus braços abertos. «Ó meu querido irmão» — foi sempre assim que me tratou. A última vez que o visitei, poucos dias antes da morte, já sem voz, ergueu as mãos e louvou o Senhor.

Que testemunhos lindos eu ouvi na igreja do Luso, no dia do seu funeral, à volta de seu corpo morto, num caixão revestido de flores!

P.e José Vicente — Fomos companheiros no Seminário. Tínhamos 16 anos quando conhecemos o Padre Américo. José Vicente foi um dos mais encantados com o encontro.

Serviu o Senhor e os irmãos como pároco, como escritor, como missionário. O seu zelo de pastor ia especialmente para as crianças e para os mais necessitados. As colónias de férias de tantos anos. A sopa dos Pobres. As casas do Patri-

mónio dos Pobres. O trabalho para aqueles que o procuravam. A assistência aos doentes.

O seu amor levou-o até ao Ultramar. Recordo aquele dia, à tarde, em que eu regressara de Moçambique e esperava, em Luanda, boleia para Benguela. P.e José Vicente pega no meu braço e conduz-me: «Anda comigo no avião; eu pago-te o bilhete». E fizemos a viagem, um ao lado do outro.

Passados dias, encontrei-o no seu Bairro, no Lobito. Já conhecia toda a gente. Muitos o procuravam com aflições. Falava com muito carinho da nossa Casa do Gaiato de Benguela e seus gaiatos.

Amigos e o povo da sua terra, que ele tanto amou, querem erigir-lhe um busto para o recordar sempre.

P.e Adelino Henriques — Um insaciável no amor a Deus e aos Outros.

Sempre mais. Sempre melhor. Sempre dos gaiatos. A sua mensagem da Palavra de Deus era profunda. Os retiros que pregou às Senhoras da Obra da Rua foram brasas muito acesas que penetraram em suas vidas. Elas escolhiam-no como pregador. As visitas de grupos de alunos à Casa do Gaiato, era lição certa de P.e Adelino. Ele acompanhava os alunos e procurava metê-los na vida dos gaiatos. São lições vivas.

Com que cuidado preparava, naquele colégio, o Natal dos gaiatos! Com que amor o vi-

nham entregar! Recordo muito bem o último Natal.

Quando o visitei no leito de sofrimento e me estendeu a mão esquelética, com a face enrugada pelas dores e com seus olhos de sorriso, foi o nosso adeus até Além.

P.e José Augusto, comboniano — alma de fogo. Os anos que passou em Coimbra foram labareda. A sua voz. A sua viola. A sua alma. O seu coração.

Os encontros de animação missionária que fez em nossa Casa foram dias de Pentecostes, de Alegria e de Graça.

As suas mensagens escritas, do interior de África onde foi missionário, eram mensagens sublimes de inquietação. Gritos de alerta dos prostrados para os instalados.

A sua carta de «homem sofrido», dirigida aos amigos, foi mais um grande testemunho a juntar aos outros.

Recordo o último Natal em que nos encontramos na Rádio Santa Cruz, numa mensagem sobre Marginalizados e Drogados. Sempre alma de fogo o P.e José Augusto.

■ Quatro sacerdotes. Comuns no Sacerdócio. Comuns na doação. Comuns na doença e sofrimento — o cancro. Comuns no amor aos gaiatos. Comuns no acolhimento à morte. Descansem em Paz com a Família Celeste. O nosso bem-haja.

Padre Horácio

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

ASSEMBLEIA GERAL — No próximo dia 5 de Novembro (sábado), às 14 horas, realiza-se uma Assembleia Geral da nossa Associação, no Lar do Porto, à Rua D. João IV, 682.

Esperamos a comparencia do maior número possível de associados, atendendo à importância dos assuntos expressos na ordem de trabalhos.

José Lemos

REFLECTINDO

A comunicação do Doutor Manuel Porto, que referi a quinzena passada, acresce-me a esperança de uma viragem que, embora ténue, se vai pronunciando — viragem de um materialismo desenfreado para um humanismo mais conforme ao projecto da Criação.

O Homem é o centro do alvo que Deus tem em mira. Tudo quanto existe neste alvo, que é o mundo, foi feito para o Homem, para que ele o possua e domine, a fim de construir a sua felicidade. Revela-nos o **Genesis** (2/18-20) que tendo Deus apresentado ao Homem quanto fizera para ele, ainda não remediou «a inconveniência de ele estar só». E a sua satisfação principia na visão de alguém semelhante a ele, «osso dos seus ossos, carne da sua carne» («vers. 21-23).

As palavras, o gradiente desta descrição bíblica, pertencem à linguagem humana, mas exprimem o pensamento e a pedagogia de Deus. Ele é Amor — por isso trino em Pessoas. O Homem, criado à Sua imagem e semelhança, é também da espécie do Amor — por isso «não é conveniente estar só»; por isso precisa de pessoas em relação às quais possa exercer o Amor que é, para crescer n'Ele e definir sempre melhor os traços da sua semelhança com Deus.

Este texto do **Genesis** certifica-nos de que o Homem não foi feito para as coisas; as coisas é que foram feitas para

ele. Portanto não encontrará nelas o caminho da sua realização como pessoa, o caminho da sua felicidade, senão vendo nelas um meio, nunca um fim; e usando-as, racionalmente, desapaixonadamente, no seu serviço e no dos seus semelhantes, para quem, na verdade, ele é e de quem depende para o seu próprio crescimento, segundo a sua natureza, da espécie do Amor. Nos homens está, pois, a chave dos problemas do Homem.

Não tem sido assim a mente e o comportamento da maioria

Calvário

Cont. da 1.ª página

xado por sua mãe — talvez num tufo de flores! — num jardim de Setúbal. Só o Senhor julga.

O hospital recebeu-o e tratou dele uns anos. Depois, sendo estorvo, foi entregue ao Calvário.

Conheci-o sempre naquele lugar e cama do pavilhão dos homens.

Avezinha adormecida e de rosto angélico! Quer-me parecer que amanhã, quando o formos sepultar, já não estará... Terá voado ao Céu com suas asas brancas...!

Padre Telmo

dos homens ao longo do tempo. Aquele quadro que, então, tanto me impressionou — vão lá quase quarenta anos — na Colónia de Férias da Senhora da Piedade, ao observar a sofreguidão com que os pequenos chegados das ruas de Coimbra devoravam o seu quinhão e se adiantavam a pedir mais, receosos de que não chegasse o tacho que, nesses primeiros dias de cada turno, se fazia reforçado, é, afinal, um retrato mais universal do que se passa na Humanidade. Por causa desta sofreguidão, desta corrida aos bens da Terra como se eles fossem o fim do Homem, «cerca de dois terços da população do mundo não dispõem do mínimo indispensável para a satisfação das suas necessidades básicas». Os mais espertos devoram e apresentam-se a repetir, antes que os últimos tenham sido servidos a primeira vez. E se quem serve não está atento e não tem mão forte, há sempre muitos que ficam por servir: São os mais fracos, cada vez mais fracos.

Todavia — diz-nos o Professor Manuel Porto — «não pode julgar-se, ingenuamente, que o problema dramático da satisfação das necessidades básicas da população mundial seja apenas, ou principalmente, um problema de repartição. (...) Uma melhor repartição, além de desejável por si mesma, criará condições para um melhor aproveitamento dos recursos». Mas o que «está em

causa, com maior gravidade, é a suficiência absoluta de recursos num mundo já com quase cinco mil milhões de pessoas, que terá a sua população duplicada dentro de três ou quatro dezenas de anos». Quer dizer: O grande desafio lançado está na multiplicação de bens a partir dos recursos que há no mundo e são património de todos os homens; os quais recursos cada um, segundo a sua capacidade, tem de «prospectar», de «inventariar» e de «aproveitar melhor», com inteligência, com determinação, com sentido de equidade, na certeza firme de que o «tacho» de Deus chegará sempre para todos, como concluíam os garotos de Coimbra relativamente ao tacho da Colónia, no segundo ou terceiro dia do turno.

Posto o acento na produção, fruto da terra, do engenho e

do trabalho do Homem, compreende-se como é importante a chegada de cada homem, por modesta que seja, para um programa de desenvolvimento, o qual «se não confina ao campo estritamente económico», mas passa também e, «primordialmente, pela qualificação e motivação das pessoas».

Trata-se, pois, de uma tarefa gigantesca de educação que visa procurar na consciência do Homem a resposta a problemas fundamentais que o afectam, resposta que ainda não foi lograda pelas filosofias e sistemas que o seu espírito tem produzido.

Acresce-me, pois, a esperança, a viragem ténue que se vai pronunciando: da «árvore da ciência» para a «árvore da vida».

Padre Carlos

Cantinho dos Rapazes

É um «Cantinho» pequenino, a propósito da eleição do chefe-maioral na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. O «Lourinho» foi para a tropa. Antes, o «Nave» seguiu o mesmo caminho. A Casa não ficou sem governo, mas faltava o titular eleito pela comunidade.

É uma hora grande na vida da Casa do Gaiato. Bem sabeis que o bom andamento da família que queremos ser, em boa parte está ligado ao chefe-maioral. Sozinho, que pode fazer? Ajudado pelo grupo de chefes, e os demais rapazes, pode fazer muito.

Gosto deste momento. A vossa responsabilidade é posta à prova. O vosso bom senso vem ao de cima. O exercício deste direito ajuda a ocupar o vosso lugar. É verdade. Cada um tem a sua tarefa a cumprir. Ao escolherdes o chefe-maioral reconheceis que a vida da Casa está nas vossas mãos também. Pai Américo escolheu este caminho. Bem sabia que, sem vós, não realizava o sonho lindo da sua vida: «Fazer de cada rapaz um homem». Nos chefes que nascem no meio de vós está o fermento de uma Casa do Gaiato viva.

Ao escrever este «Cantinho» penso na responsabilidade que pusestes aos ombros do Armeilim como chefe-maioral na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Veio pequenino. Na altura, tinha um ano. Em breve, fará vinte. Vejo, também, os que levam o mesmo peso em todas as outras comunidades. É um serviço que, só por



amor, dá os seus frutos. E quem ama, sofre. O chefe-maioral há-de participar, de perto, nas dores de quem é chamado a conduzir os seus irmãos. O pai de família há-de encontrar nele apoio seguro. Não se considera perfeito e, com humildade, mergulha no seio da comunidade para ser a ponte entre os rapazes e o padre da Casa, absorvido, tantas vezes, com trabalhos que lhe consomem o tempo. De mãos dadas com os outros chefes, leva por diante a sua missão de guia, com braço forte e suave, obedecendo, antes de mais, à sua consciência formada nos princípios da Obra. Por isso sofre, muitas vezes, a ingratidão daqueles que o escolheram.

Não vos demoro mais. Quis, apenas, partilhar convosco, o escolhido e os eleitores, a grandeza de uma hora como esta, na vida de qualquer Casa do Gaiato.

Padre Manuel António

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

Insisto: Manda oiro. Paramentos. «Roupa», como lhe chama o «Tripas», de Miranda do Corvo. Linho do altar.»

Se as forças nos ajudarem, que os anos vão pesando, es-

peramos dinamizar os problemas, já aqui equacionados, da construção da casa da praia, em S. Julião da Ericeira e da edificação de casas nos terrenos de que dispomos, nas redondezas, para os nossos rapazes casados ou em vias disso. Entretanto, outras questões

fulcrais temos entre mãos, além das do dia-a-dia: a necessidade de mestres ou monitores capazes para as nossas oficinas, em ordem a uma capaz formação profissional e o acompanhamento escolar. Os trabalhos e as preocupações não faltam, que nada pode ser descurado. Assim os rapazes saibam aproveitar, o que, infelizmente, nem sempre sucederá.

Padre Luiz



Dar o pão suficiente e também o do Espírito são imperativos da nossa missão. Por isso, eis mais um aspecto das obras da Capela, em Santo António do Tojal.

 **Gaiato**

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel